

**CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA  
NÚCLEO DE NUTRIÇÃO**

**LUAN ENRIQUE SILVA RODRIGUES DE ARAÚJO**

**IMPACTO SOCIAL DA MÍDIA E PUBLICIDADE NO  
COMPORTAMENTO ALIMENTAR E OBESIDADE  
INFANTIL**

**RECIFE - PE**

**2021**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA  
NÚCLEO DE NUTRIÇÃO**

**IMPACTO SOCIAL DA MÍDIA E PUBLICIDADE NO  
COMPORTAMENTO ALIMENTAR E OBESIDADE  
INFANTIL**

**LUAN ENRIQUE SILVA RODRIGUES DE ARAÚJO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial, para conclusão do curso de Bacharelado em Nutrição do Centro Universitário Brasileiro, sob a orientação da professora MSc. Maria Helena A. B. Campello.

**RECIFE - PE**

**2021**

A663i

Araujo, Luan Enrique Silva Rodrigues de  
O impacto social da mídia e publicidade no comportamento alimentar e obesidade infantil./ Luan Enrique Silva Rodrigues de Araujo. - Recife: O Autor, 2021.  
40 p.

Orientador: Msc. Maria Helena Araújo Barreto Campello.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA. Bacharelado em Nutrição, 2021

1. Alimentação Infantil. 2. Nutrição Comportamental. 3. Obesidade Infantil. 4. Nutricionista. I. Centro Universitário Brasileiro. - UNIBRA. II. Título.

CDU: 612.39

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, meu melhor e fiel amigo.

Agradeço a minha mãe, Maria do Carmo da Silva, por sempre me aconselhar para que fosse possível finalizar a minha graduação e sempre ter estado do meu lado nos momentos difíceis da minha vida.

Agradeço a minha vó Blanche (*In Memoriam*) que nesses quatro anos sempre me apoiou e foi um exemplo para seguir.

Agradeço ao corpo docente do curso de nutrição por me ensinarem e darem sempre seu melhor para que as aulas fluíssem de forma mais leve. É um agradecimento especial para a professora Mestre Maria Helena Barreto Campello por ter aceitado o meu convite para ser minha orientadora e que contribuiu tanto para a construção deste trabalho.

## RESUMO

A nutrição infantil é um desafio para os pais, educadores e profissionais de nutrição. As crianças passam muito tempo expostas à mídia e cada vez mais precocemente. Concomitantemente, as publicidades no ramo alimentício vêm apresentando estratégias bastante agressivas, que podem influenciar nos hábitos alimentares das crianças. Diante disso, o objetivo deste estudo foi analisar a influência das mídias e da publicidade no comportamento alimentar e na obesidade infantil. Através de uma revisão de literatura sistemática, utilizando como critérios de inclusão: artigos científicos publicados na Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) entre 2017 a 2021, no idioma português, e disponível em versão completa foi possível, analisar 33 artigos que abordaram a temática proposta nesse estudo. Verificou-se que a obesidade infantil possui uma tendência crescente e pode estar associada a diversos fatores, tais como: aspectos sociais, econômicos, aleitamento materno, alimentação excessiva de produtos processados e ultraprocessados e falta de atividade física. Observou-se também que a publicidade vinculada em produtos alimentícios destinados ao público infantil tem um apelo muito forte, são vibrantes, brilham, proporcionam brindes e coleções. Apesar de existirem órgãos específicos para a fiscalização dessas publicidades, a exemplo do Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (CONAR), bem como políticas que zelam pela segurança alimentar e nutricional das crianças, estas ao que se percebe são insuficientes para conter a tendência de obesidade no Brasil. Ao passo que o profissional de nutrição também é peça chave nesse processo. O nutricionista dentro do âmbito escolar possui diversas funções que abarcam a responsabilidade de orientar, aconselhar e promover uma alimentação saudável para as crianças. Sua atuação na atenção básica também é fundamental, visto que a alimentação e nutrição é uma das principais ferramentas para prevenção de doenças e, sobretudo, a obesidade infantil.

**Palavras-chaves:** Alimentação Infantil. Nutrição Comportamental. Obesidade infantil. Nutricionista.

## ABSTRACT

Child nutrition is a challenge for parents, educators and nutrition professionals. Children spend a lot of time exposed to the media and increasingly early. Concomitantly, advertisements in the food industry have been showing very aggressive strategies, which can influence children's eating habits. Therefore, the aim of this study was to analyze the influence of media and advertising on eating behavior and childhood obesity. Through a systematic literature review, using as inclusion criteria: scientific articles published in the Scientific Electronic Library Online (SciELO) and Virtual Health Library (VHL) between 2017 and 2021, in Portuguese, and available in full version, it was possible, analyze 33 articles that addressed the theme proposed in this study. It was found that childhood obesity has a growing trend and may be associated with several factors, such as: social and economic aspects, breastfeeding, excessive feeding of processed and ultra-processed products and lack of physical activity. It was also observed that advertising linked to food products aimed at children has a very strong appeal, they are vibrant, they shine, they provide gifts and collections. Although there are specific bodies to oversee these advertisements, such as the National Advertising Self-Regulation Council (CONAR), as well as policies that ensure the food and nutrition security of children, these are, it appears, insufficient to contain the trend of obesity in the Brazil. While the nutrition professional is also a key player in this process. The nutritionist within the school environment has several functions that include the responsibility to guide, advise and promote healthy eating for children. Its role in primary care is also fundamental, since food and nutrition is one of the main tools for preventing diseases and, above all, childhood obesity.

**Keywords:** Infant Feeding. Behavioral nutrition .Child obesity. Nutritionist.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>9</b>
2.1	Mídia: definição e finalidade .....	9
2.2	Obesidade Infantil .....	9
2.3	Diretrizes para hábitos alimentares mais saudáveis na infância..	12
2.4	O impacto da mídia e publicidade no consumo de alimentos na infância .....	13
2.5	O papel do profissional de nutrição na obtenção de bons hábitos alimentares na infância .....	14
<b>3</b>	<b>MÉTODOS.....</b>	<b>16</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>19</b>
4.1	Alimentação e Obesidade Infantil.....	19
4.2	Alimentação Infantil e a influência das mídias e publicidade dos alimentos .....	28
4.3	Alimentação infantil e a importância do nutricionista .....	31
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>33</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>34</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A exposição à mídia é cada vez mais frequente e precoce. Muitas vezes para desempenhar as tarefas do dia-a-dia, os responsáveis pelas crianças procuram maneiras de distraí-las e recorrem à televisão, internet, entre outros métodos que tenham uma programação infantil. No entanto, a publicidade voltada para esse público vem se apegando a este cenário e interagindo de forma mais agressiva, chamativa e atraente (OLIVEIRA et al. 2018).

De acordo com dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) a má conduta alimentar é muito preocupante no Brasil, o aumento do consumo de alimentos ultraprocessados e o aumento nos índices de sobrepeso e obesidade são atenuantes, cerca de uma em cada três crianças com idade de 5 a 9 anos possui excesso de peso (UNICEF et al., 2019). Este fato também está associado ao aumento de doenças crônicas não transmissíveis, tais como: diabetes tipo 2 e problemas cardiovasculares (BRANDÃO et al., 2020).

Criar o hábito da alimentação adequada na infância é a chave para a prevenção dos problemas acima citados e segurança para o crescimento e desenvolvimento sadio. No entanto, levando em consideração vários contextos reais é algo difícil de praticar. Primeiro, a inserção da mulher no mercado de trabalho com seu tempo cada vez mais reduzido e segundo, como uma forma de compensação pela ausência tenta agradar a criança de toda maneira e, por sua vez, a mídia utiliza-se de estratégias com apelo infantil exagerado para conquistar esse público e aumentar seus lucros (SOUZA et al, 2018).

A mídia compreende um ambiente de suporte à comunicação e informação se traduzindo em um campo intermediário para argumentação e transmissão de mensagens que disseminam valores morais, podendo fortalecer padrões, regras e concepções já construídas ou repensá-las para criação de novos entendimentos em torno de um contexto (BARBOSA, 2020).

A publicidade dos alimentos desperta o desejo do consumo, por transpassar que a felicidade e satisfação dependem de ter aquilo para si. O reflexo disso nas crianças ainda é mais forte, pois passam, geralmente, muito tempo assistindo programas infantis na televisão, *Youtubers* ou em plataformas específicas de transmissão online de filmes, sob influência dos personagens e ainda mais das

embalagens coloridas e chamativas. Dessa forma, o consumo de refrigerantes, de alimentos gordurosos, com alta concentração de sódio e açúcares é cada vez maior e prejudicial ao desenvolvimento infantil (OLIVEIRA et al., 2018).

Vale acrescentar, que considerando um período mais recente, em que o mundo depara-se com um cenário pandêmico (2020 – até o momento atual – último trimestre de 2021) de um modo geral a exposição à tecnologia e as mídias foi muito mais intensa adicionada ao fato das variações de rotinas que favoreceram as mudanças de hábitos, e dificuldades na regulação do sono e alimentação (LINHARES; ENUME, 2020).

Nesse sentido, é evidente a importância dos pais, educadores e profissionais da nutrição proporcionando o conhecimento sobre os alimentos e dando autonomia para que as crianças possam fazer suas escolhas de modo consciente, favorecendo assim a melhoria do seu bem-estar e conseguindo manter uma rotina equilibrada e hábitos alimentares saudáveis (SOUZA FIRMINO et al., 2018).

Para tal, o presente estudo tem por objetivo analisar de que forma o comportamento alimentar e obesidade infantil podem estar associados a maior exposição das mídias e publicidade dos alimentos.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Mídia: definição e finalidade**

A terminologia da palavra media/média/mídia vem do latim e representa “meio”, no entanto, não tem a conotação de representar a comunicação de massa. Este direcionamento para o contexto publicitário tem origem americana e foi desenvolvido durante a década de 1920 (RODRIGUES, 2013).

A mídia representa todos os meios capazes de gerar, transmitir, propagar e disseminar informações e mensagens, sendo estes meios compreendidos por: cinema, televisão, imprensa, redes sociais, entre outros. É uma ferramenta de impacto social muito forte, com diferentes abordagens, várias linguagens, adaptando-se ao meio, e tornando a sociedade parte do processo (BARBOSA, 2020).

No atual contexto as redes sociais ganharam uma grande dimensão podendo por assim dizer que representa uma nova cultura entrelaçada à contemporaneidade e estreitamente vinculada à revolução da informática (ROZA, 2017). As redes sociais conectam e constroem relacionamentos que incorporam e agregam o capital social, ter redes sólidas significa ter vantagens na promoção de causas, obter conselhos e desenvolver contatos (em diversas áreas de relacionamentos – amizade, profissão, etc.) ao passo que também dão margens ao processo de marketing comunitário o que possibilita ir além das estratégias tradicionais para obtenção de clientes, caso esta seja a finalidade (BORDIGNON; 2017).

A cultura televisiva e sua grande influência faz parte de um censo comum dado seu alcance de milhares de pessoas e durante o dia inteiro. A TV representou um avanço tecnológico e não necessariamente o suprimento de uma demanda de comunicação, mas ao longo do tempo tornou-se um marco da identidade brasileira como um meio de massa, elogiada e criticada por muitos (CORREIA; JUNIOR, 2020).

### **2.2 Obesidade Infantil**

Durante as fases da infância e da adolescência o corpo encontra-se em crescimento e desenvolvimento e é nesta hora que se faz necessária a condução

das boas práticas alimentares (JARDIM, DE SOUZA, 2017). No passado, diante de um senso comum acreditava-se que crianças saudáveis eram aquelas que possuíam excesso de peso, no entanto, diante das evidências científicas, atualmente sabe-se que a obesidade infantil está associada a diversas comorbidades e a um maior risco de doenças prematuras (OMS, 2014).

Define-se por obesidade infantil a criança até 12 anos com excesso de peso para sua idade e altura, configurando-se como um problema de saúde pública, considerada epidemia pela alta prevalência e tendência crescente desse cenário (HENRIQUES et al. 2018). De acordo com a Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica (ABESO) a obesidade é caracterizada pelo acúmulo excessivo de gordura corporal em um nível que compromete a saúde dos indivíduos (MELO et al., 2018).

Vale ressaltar que as notificações do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional em 2019 apontaram que 16,33% das crianças em idade entre 5 e 10 anos estão com sobrepeso, 9,38% com obesidade e 5,22% com obesidade grave. Os adolescentes apresentam um panorama semelhante quando 18% se encontram com sobrepeso, 9,53% com obesidade e 3,98% com obesidade grave (SECRETARIA DE ESTADO DE SAÚDE DE GOIÁS, 2019).

Segundo Melo et al. (2018) os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) apontaram um crescimento de 31,25% no número de crianças menores de cinco anos com excesso de peso, onde em 1990 era de 31 milhões para 42 milhões em 2014, e com tendência crescente, pois a projeção para 2025 é 72 milhões, caso não haja intervenções.

A obesidade infantil pode estar relacionada a diversos fatores, conforme Figura I, tais como: genética, tempo de amamentação e introdução alimentar complementar, qualidade e quantidade da dieta, estilos e práticas parentais, excesso de tela, quantidade de horas dormidas, sedentarismo e refeições em família, (MELO et al., 2018). De acordo com Almeida et al. (2018) a obesidade é causada pela alimentação inadequada caracterizada pelo elevado consumo de alimentos ultraprocessados, ausência de atividades físicas, fatores genéticos, fisiológicos e hormonais, desmame precoce, nível socioeconômico, além da inserção exacerbada da tecnologia.

Segundo Frontzek, Bernardes e Modena (2017) a obesidade é uma doença crônica multifatorial que precisa ser tratada no campo de várias ciências. Comumente vem sendo associada a patologias mentais como a ansiedade.

Sousa (2019) afirma que alterações psicológicas como depressão, ansiedade, problemas comportamentais e sociais podem estar relacionados como a causa ou a consequência da obesidade infantil. A não aceitação da autoimagem, inseguranças no convívio social, a discriminação e estigma contribuem para desencadear os problemas psicológicos nas crianças obesas. Além disso, a obesidade pode acarretar outras comorbidades como: patologias respiratórias (asma e apneia), enfermidades ortopédicas (problemas na coluna e joelhos), dores nas articulações, disfunções no fígado, colesterol alto, diabetes, doenças cardiovasculares e câncer (ARAGÃO, 2017).

**Figura I: Causas da obesidade**



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos autores Melo et al. (2018), Almeida et al. (2018), Souza (2019) e Aragão (2017).

Tendo em vista que a causa da obesidade infantil é multifatorial, o tratamento também deverá ser. Sendo assim, existem várias vertentes como: o incentivo a prática da atividade física, mudanças no estilo de vida da família, dietoterapia, acompanhamento multidisciplinar com nutricionista, psicólogo, educador físico e

pediatra, além dos tratamentos farmacológicos, quando há necessidade (MORAES, 2019; MORAIS et al., 2021).

Sobre o tratamento farmacológico, Torres et al. (2021) afirmam que são usados: Orlistate, Metformina, Sibutramina, Octreotida, Hormônio de Crescimento e Leptina, porém não existe um medicamento específico para crianças e adolescentes e esses fármacos supracitados podem influenciar no seu crescimento e desenvolvimento, por isso o uso e ensaios clínicos são bastante limitados.

Outra linha de pensamento que vem se tornando bastante debatida é o tratamento humanizado com a participação do nutricionista e familiares, discutindo sobre temáticas que possam auxiliar no emagrecimento, mas sendo coerente com a idade da criança (CERQUEIRA, 2020).

### **2.3 Diretrizes para hábitos alimentares mais saudáveis na infância**

Não existe um padrão-ouro ou um protocolo de plano alimentar generalizado para direcionar o comportamento alimentar na infância dada a heterogeneidade das dificuldades de cada criança no ato das refeições. As dificuldades no comportamento alimentar das crianças é cada vez mais acentuado gerando muita preocupação nos pais e nos profissionais voltados à questão (MAGALHÃES et al., 2020).

O Modelo de Divisão de Responsabilidades é bastante recomendado. Neste modelo são apresentadas as funções dos pais e dos filhos e como devem ser seus comportamentos na hora de se alimentar. Os pais definem quando e onde comer e o que oferecer para seus filhos, enquanto que os filhos podem intervir na escolha do que foi oferecido e a quantidade que irão conseguir ingerir. Essa interação é muito valiosa para ambos. É importante evitar TV, *tablets*, celular ou qualquer distração na hora das refeições e preservar o momento em família juntando-se ao redor da mesa para conversar sobre diversos assuntos (MAGALHÃES et al., 2020).

O Guia Alimentar para a População Brasileira tem como principal finalidade apoiar e incentivar a sociedade com relação às práticas alimentares mais saudáveis, assim como servir de base para o engajamento de políticas, programas e ações direcionadas a promoção da saúde e segurança alimentar e nutricional, sendo

também um instrumento que integra a Política Nacional de Alimentação e Nutrição (BRASIL, 2014).

O guia aponta algumas indicações específicas para crianças e adolescentes:

1. A fase de crescimento exige fazer uma ou mais, pequenas refeições – a escolha desses alimentos devem ser *in natura* ou minimamente processados, frutas frescas ou secas, leite, iogurte natural, castanhas ou nozes são alternativas interessantes.
2. Refeições compartilhadas, regularidade das refeições e ambientes apropriados.
3. Envolvimento das crianças e adolescentes na compra dos alimentos e no preparo.

## **2.4 O impacto da mídia e publicidade no consumo de alimentos na infância**

As estratégias publicitárias para conquistar o público alvo estão cada vez mais sofisticadas e com maior poder de influência. Quando se analisa os comerciais voltados ao consumo de alimentos, facilmente verificam-se expressões que dão conotações de felicidade, satisfação, energia, aventura e assim por diante, impactando simultaneamente o consumo desses alimentos que perpassam a ideia de serem: gostosos, nutritivos e práticos na hora do preparo, o que se encaixa perfeitamente na vida acelerada das famílias modernas (VALENÇA et al., 2020).

“A publicidade de alimentos ultraprocessados domina os anúncios comerciais de alimentos, frequentemente veicula informações incorretas ou incompletas sobre alimentação e atinge, sobretudo, crianças e jovens.” (BRASIL, 2014, Pág. 117).

Os comerciais/propagandas vão se moldando conforme o estilo de vida da população e quando direcionadas para o público infantil trazem algumas propostas diferenciadas que tem um apelo muito forte, tais como: distribuir brindes, utilizando personagens, histórias e trilha sonora fundamentadas na realidade da população infantil (CONDE; STRAUSS, 2021).

Outra questão refere-se ao elevado número de horas que as crianças brasileiras ficam na frente da TV e a conseqüente exposição publicitária que vem sendo cada vez maior, isso pode ser justificado pela realidade social, trabalho em

tempo integral dos pais, engajamento da mulher no mercado de trabalho, etc. (CORREIA; JUNIOR, 2020).

Vale ressaltar que existe a Resolução da Diretoria Colegiada – RDC nº 24 de 15/06/2010 que regulamenta a publicidade de certos alimentos, isto é, para toda oferta, propaganda, publicidade, informação e outras práticas que estejam atreladas a alimentos com alto teor de açúcar, gordura saturada, gordura *trans*, sódio ou bebidas com baixo teor nutricional é preciso se ater as diretrizes da RDC Nº 24.

A proposta dessa Resolução é conter o consumo exacerbado desses alimentos, que atinge principalmente as crianças tendo em vista sua vulnerabilidade cognitiva, a promoção da saúde que é um direito de todos e evitar comorbidades associadas à má alimentação (MAGALHÃES, 2017).

## **2.5 O papel do profissional de nutrição na obtenção de bons hábitos alimentares na infância**

De acordo com a resolução CFN nº 380/2005 o nutricionista tem como funções básicas prestar assistência e educação nutricional e participar de equipes multiprofissionais. Conforme Santos e Garcia (2018) os profissionais nutricionistas são responsáveis pelas orientações necessárias no preparo das refeições de modo a promover a saúde e autonomia nas escolhas dos alimentos saudáveis, assim como gerar um equilíbrio nutricional e maior relação de ensino-aprendizagem e cognição no ambiente escolar e social.

Para Andrade Lopes et al. (2020) a maioria das crianças passam muito tempo em creches durante o período da pré-escola, e portanto, associar o ambiente escolar à alimentação infantil é muito comum. A escola/creche configura-se como um ambiente de produção de saúde, autoestima, comportamentos e habilidades para toda vida e, portanto, este espaço tem uma grande influência no desenvolvimento de hábitos alimentares saudáveis, por isso é importante uma política de nutrição escolar bem definida, indicando os tipos de alimentos e bebidas que podem ser vendidos ou ingeridos (FARIA; FRAGA, 2020).

Vale ressaltar que nas escolas e creches públicas as refeições são ofertadas conforme o Programa Nacional de Alimentação Escolar, que visa proporcionar

alimentação e ações de educação alimentar e nutricional a todos os estudantes da educação básica (BRASIL, 2017).

No âmbito escolar, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) fica sob a responsabilidade do nutricionista que possui como principais funções coordenar e monitorar as condições nutricionais dos alunos, elaborar o cardápio reconhecendo a heterogeneidade das crianças e os costumes da região, trabalhar com base no perfil epidemiológico do local, acompanhar a aquisição, produção e distribuição dos alimentos e desenvolver atividades voltadas para a educação alimentar e nutricional no âmbito escolar.

Dessa forma, cabe ao profissional de nutrição atender às necessidades nutricionais dos grupos populacionais específicos e aumentar a aceitabilidade, baseando-se nos requisitos da vigilância nutricional, e supervisionando e administrando as unidades de alimentação e nutrição (ANDRADE LOPES et al., 2020).

### 3 MÉTODOS

Foi realizada uma revisão de literatura sistemática qualitativa, a qual é caracterizada pela implementação de um método de coleta de dados com a finalidade de responder o problema de pesquisa, sem utilizar métodos estatísticos para agrupamento ou análise dos dados.

Dessa forma, a ordem para seleção dos artigos foi: a escolha das plataformas a serem pesquisadas, em seguida as combinações dos descritores e finalmente estabelecer os critérios de inclusão e exclusão da pesquisa. Essa caracterização está sendo descrita abaixo:

Plataformas: Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).

Descritores pesquisados nas bases supracitadas foram:

Cruzamento 1 (C1) - “alimentação infantil AND obesidade”;

Cruzamento 2 (C2) “alimentação infantil AND mídias”;

Cruzamento 3 (C3) “alimentação infantil AND publicidade”;

Cruzamento 4 (C4) “alimentação infantil AND nutricionista”.

Critérios de inclusão: artigos com periodicidade de 2017 a 2021, no idioma português, que estivessem disponíveis em sua versão completa e focassem na temática da alimentação infantil, tendo em vista o interesse da presente pesquisa.

Critérios de exclusão: os artigos que não estivessem dentro da periodicidade considerada, em outro idioma que não fosse o português, ou que só estivesse disponível o resumo, além daqueles que não se aplicava aos objetivos da pesquisa. A descrição de como foi realizada a revisão da literatura foi contemplada pelas tabelas I e II.

**Tabela I:** Revisão sistemática com o C1 e C2

	Cruzamentos			
	C1		C2	
	<i>Alimentação infantil AND Obesidade</i>		<i>Alimentação Infantil AND Mídias</i>	
	BVS	Scielo	BVS	Scielo
Total de artigos	5.122	30	1	0
Texto Completo	3.983	-	-	-
Publicações nos últimos 5 anos (2017 a 2021)	1.810	16	-	-
Idioma Português	60	13	-	-
Duplicados (Excluídos)	13	4	-	-
Incompatibilidade na temática (Excluídos)	13	-	1	-
<b>Total</b>	<b>34</b>	<b>9</b>	<b>0</b>	<b>0</b>

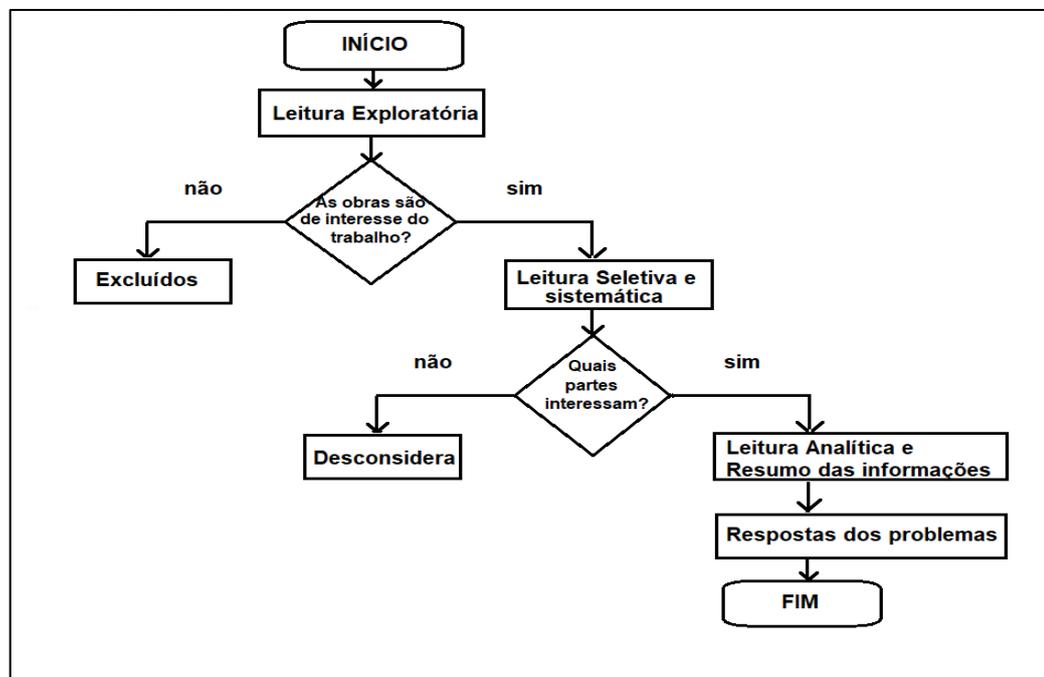
**Tabela II:** Revisão sistemática com o C3 e C4

	Cruzamentos			
	C3		C4	
	<i>Alimentação infantil AND Publicidade</i>		<i>Alimentação Infantil AND Nutricionista</i>	
	BVS	Scielo	BVS	Scielo
Total de artigos	355	6	70	0
Texto Completo	165	-	55	-
Publicações nos últimos 5 anos (2017 a 2021)	56	4	18	-
Idioma Português	6	2	4	-
Duplicados (Excluídos)	3	1	-	-
Incompatibilidade na temática (Excluídos)	1	-	3	-
<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>0</b>

Dessa forma, no C1 foram selecionados 43 artigos. No C2 nenhum artigo. No C3, 3 artigos e no C4 apenas 1. Totalizando 47 artigos.

A etapa de coleta de dados foi realizada em três níveis, sendo eles, leitura exploratória do material selecionado (leitura rápida que objetiva verificar se as obras consultadas são de interesse do trabalho), leitura seletiva e sistemática (leitura mais aprofundada das partes que realmente interessam) e os registros das informações extraídas das fontes em instrumento específico. Em seguida, foi realizada uma leitura analítica com a finalidade de ordenar e resumir as informações contidas nas fontes, de forma que as etapas possibilitem a obtenção de respostas ao problema de pesquisa, conforme descrição do Fluxograma 1.

**Fluxograma I** - Detalhamento das etapas a serem realizadas para coleta de dados da pesquisa.



Fonte: Elaboração própria

Ao realizar a leitura analítica e resumo das informações, conforme descrito no fluxograma acima, verificou-se que 1 artigo selecionado no C1 se enquadrava melhor no C3, então foi realizada a transferência. Além disso, no C1, foram consideradas apenas as pesquisas exploratórias, logo o novo cenário dos cruzamentos foi: C1 – 25 (sendo eliminados 17 estudos por serem pesquisas bibliográficas e 1 transferido para o C3); C2 – nenhum; C3 – 4 artigos e C4 – 1). Total de artigos para esta pesquisa foi: 30.

Vale acrescentar que foi realizada uma busca manual no Google Acadêmico para complementar o C4 e sendo assim foram adicionados mais 3 artigos, totalizando 33.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 Alimentação e Obesidade Infantil

A Tabela III apresenta a categorização dos artigos sobre “comportamento alimentar na infância e a influência das mídias”. Os artigos foram categorizados quanto ao autor e ano de publicação, aos objetivos apresentados, metodologia empregada e os principais resultados alcançados.

**Tabela III:** Artigos selecionados sistematicamente com os descritores Alimentação Infantil AND Obesidade Infantil.

Autor e Ano	Objetivo	Metodologia	Principais resultados
Batista, Mondini e Jaime, 2017	Descrever a experiência no desenvolvimento de ações do Programa Saúde na Escola (PSE) e da alimentação escolar, em Itapevi-SP.	Estudo descritivo contemplou 21 escolas públicas do Ciclo 1 do Ensino Fundamental aderidas ao PSE e localizadas em Itapevi-SP, com dados referentes a 2014.	30,6% dos 7.017 escolares apresentaram excesso de peso; alimentos ultraprocessados estiveram presentes na maioria dos cardápios do desjejum/lanche da tarde (68,4%), enquanto os alimentos in natura e minimamente processados preponderaram no almoço (92,4%); temas relacionados à alimentação, nutrição e prática de atividade física foram contemplados nas atividades curriculares de 14 escolas.
Carvalho, Belém e Oda, 2017.	Identificar o perfil antropométrico e os fatores predisponentes do acúmulo do tecido adiposo abdominal.	Estudo exploratório com de 226 crianças 133 meninas e 93 meninos, maioria na faixa de 9 anos, numa escola estadual em Umuarama-PR.	Avaliou-se sobrepeso (18,27% dos meninos e 16,54% das meninas) e obesidade (21,5% dos meninos e 23,3% das meninas) entre as crianças de ambos os sexos, bem como a deficiência de atividade física (68,14% das crianças só praticam atividade física na escola) e hábitos alimentares pouco saudáveis (59,73% das crianças comem doces mais de três vezes por semana). O envolvimento familiar, juntamente com a escola torna-se essencial para o êxito da prevenção e tratamento da obesidade.
Cecchetto, Pena, Pellanda, 2017.	Avaliar o impacto de workshops lúdicos sobre o conhecimento, autocuidado, e peso corporal de crianças.	Estudo clínico randomizado, com 79 estudantes com idade entre 7 e 11 anos de Porto Alegre-RS.	As crianças foram divididas em dois grupos (intervenção e controle). Observou-se uma redução no percentil do IMC no grupo intervenção, mas não houve diferença estatística entre os grupos após a intervenção. Intervenções lúdicas podem melhorar o conhecimento e níveis de atividade física em crianças.

Autor e Ano	Objetivo	Metodologia	Principais resultados
Fechine et al 2017	Identificar o conhecimento e a percepção dos professores de creches públicas sobre o sobrepeso e a obesidade infantil.	Pesquisa exploratória com 14 professores de creches públicas da zona rural e urbana, no Ceará.	Os professores são aliados no desenvolvimento de estratégias tanto para a promoção da educação alimentar quanto para o estímulo de manter uma vida com hábitos saudáveis. Os professores entendem que sobrepeso e obesidade é um problema de saúde, e também reiteram a importância dos pais no processo.
Gonzalez et al. 2017	Analisar a associação da duração do aleitamento materno exclusivo (AME) e idade de introdução da alimentação complementar (AC) com o excesso de gordura corporal (EGC).	Estudo transversal com amostra probabilística de 1.531 escolares de 7-10 anos de escolas públicas e privadas de Florianópolis/SC.	O AME por um período menor que 4 meses e maior que 6 meses se manteve associado ao EGC. A prevalência de excesso de gordura corporal nos escolares foi de 37,9%, a prevalência de excesso de gordura corporal foi maior entre os escolares que receberam AME por sete meses (64,71%) e entre aqueles amamentados por período de um a três meses (39,63%), quando comparado aos nunca amamentados, já a introdução dos diversos grupos de alimentos na alimentação complementar não apresenta associação com excesso de gordura corporal.
Iervolino, Silva e Lopes 2017	Descrever a influência familiar nos hábitos alimentares de crianças de 6 a 10 anos que estão obesas.	Pesquisa descritiva exploratória com 20 familiares e 33 crianças matriculadas no norte de Santa Catarina.	Verificou-se que os familiares possuem um papel importante na construção de hábitos alimentares saudáveis das crianças, pois eles quem dão o exemplo, e sendo assim, as escolhas e preferências por alimentos saudáveis precisam ser ensinadas no contexto familiar e reforçadas no ambiente escolar.
Jaime, Prado e Malta 2017.	Avaliar a influência de hábitos familiares e características do domicílio sobre o consumo de bebidas açucaradas em crianças brasileiras menores de dois anos	Estudo transversal que utilizou dados gerados pela Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), em 2013. Foram estudados 4.839 pares de crianças menores de dois anos, em todo Brasil.	O consumo de bebidas açucaradas foi identificado em 32% das crianças estudadas, e este fato esteve associado ao consumo regular de bebidas açucaradas pelo adulto residente no domicílio, hábito de assistir TV por mais de 3 horas diárias, domicílio localizado na região Nordeste e número de componentes da família.

Autor e Ano	Objetivo	Metodologia	Principais resultados
Oliveira et al. 2017	Analisar o estado nutricional de crianças e adolescentes atendidos em um projeto socioassistencial e educacional.	Estudo descritivo, transversal, e quantitativo, realizado com 377 crianças e adolescentes, com idade entre 5 e 15 anos, matriculados no projeto socioassistencial em Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, em 2015.	Sobrepeso e a obesidade (23%) estão mais prevalentes do que a desnutrição (2,6%) nessa população; também mostrou que maiores índices de obesidade se concentraram no grupo de adolescentes (entre 10 e 15 anos) que apresentou maior prevalência de sobrepeso e obesidade (25,1%) quando comparada à população de crianças.
Pinto 2017.	Classificar o estado nutricional da criança; e relacionar a questões sociodemográficas e conhecimento dos pais sobre alimentação.	Estudo quantitativo, transversal, descritivo e correlacional, realizado numa amostra não probabilística, com 114 pais e crianças entre 3 a 6 anos, cursando o 1º ciclo básico no Conselho Distrito de Viseu	57,0% das crianças eram normoponderais, 16,7% tinham excesso de peso, 13,2% obesidade e 13,2% estavam em situação de baixo peso. A caracterização dos conhecimentos sobre alimentação infantil revelou que 43,9% dos progenitores tinham conhecimentos suficientes, 30,7% bons e 25,4% insuficientes. Concluiu-se haver relação entre os conhecimentos dos pais e a idade, escolaridade, profissão, residência e número de filhos.
Alves et al. 2018	Associar o estado nutricional ao consumo alimentar, classe econômica e a escolaridade dos seus pais.	Pesquisa exploratória com 239 crianças de 6 meses a 6 anos em três creches de Carapicuíba-SP e com 74 pais.	Alta prevalência de excesso de peso nas crianças (31%) e nos pais (mães – 62% e pais – 65%). São muito elevadas as prevalências de excesso de peso em crianças de 0 a 4 anos de idade e aumentam drasticamente em seus pais. O estado nutricional das crianças encontra-se associado significativamente aos hábitos de consumo alimentar dos pais. Baixa frequência (10,81%) de consumo adequado diário de frutas, verduras e legumes entre os pais dessas crianças. Já em relação ao consumo de frituras, salgados e embutidos a sua ingestão, no mínimo duas vezes por semana, foi de 54,04% e para a de doces foi de 54,03%.

Autor e Ano	Objetivo	Metodologia	Principais resultados
Chaves et al. 2018	Estimar a associação entre consumo de refrigerantes e o índice de massa corporal (IMC) em adolescentes eutróficos e com excesso de peso.	Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), realizada em 2009 com 57.268 estudantes (adolescentes) brasileiros.	Dos adolescentes avaliados, 23,8% apresentaram excesso de peso e 21,7% relataram o consumo de refrigerantes diariamente. Altas prevalências de excesso de peso e alto consumo de refrigerantes, no entanto, o estudo evidencia que adolescentes brasileiros com excesso de peso podem estar percebendo que é importante a redução do consumo de bebidas açucaradas.
Henriques et al. 2018	Analisar as ações de prevenção e controle da obesidade infantil, nos últimos 15 anos.	Pesquisa documental.	Os autores listaram 13 ações e programas de saúde, segurança alimentar e nutricional para o enfrentamento da obesidade infantil. As principais ações de Promoção da Alimentação Adequada e Saudável (PAAS) identificadas visam fomentar a educação alimentar e nutricional; os sistemas produtivos de base agroecológica; a agricultura familiar; a acessibilidade alimentar; os ambientes saudáveis e as ações regulatórias.
Lourenço et al. 2018	Avaliar a prevalência e identificar os fatores associados ao ganho de peso rápido em pré-escolares.	Estudo transversal realizado em 2014, com 136 crianças entre 24 e 35 meses de idade frequentadoras de creches públicas de Mogi das Cruzes-SP.	Do total de crianças avaliadas, 50 (36,8%) apresentaram ganho de peso rápido e 36 (26,5%) excesso de peso. Destas, 22 crianças eram do grupo ganho de peso rápido. O maior tempo total do aleitamento materno foi identificado como fator de proteção e o baixo nível socioeconômico, como fator de risco para ganho de peso rápido.
Paiva et al. 2018	Identificar alterações de IMC em escolares, com idades entre 6 a 12 anos, avaliar análises bioquímicas, dados antropométricos e padrão alimentar.	Estudo quantitativo, desenvolvido em três escolas, uma de ensino público e duas de ensino privado, no município de Poços de Caldas-MG-BR, no período de 2015 a 2016, com amostragem de 104 crianças.	Entre as prevalências encontradas, 51,0% das crianças tiveram algum tipo de alteração no IMC, sendo 29,2% de obesidade e 25,0% de sobrepeso na escola particular frente a 6,3% obesidade e 15,6% sobrepeso na escola pública. Observou-se que 60,6% apresentam alteração para glicemia em jejum, Colesterol 51,9% de alteração, HDL 43,3% mostram alterados, LDL percebe 19,2% das crianças apresentam aumento do valor normal e TG 20,2% acima do valor recomendado. Observou-se ainda uma alta significativa estatística na ingestão alimentar dando prioridade ao grupo de açúcares.

Autor e Ano	Objetivo	Metodologia	Principais resultados
Schlosser , Rossi e Machado 2018.	Analisar a associação entre obesidade abdominal e indicadores socioeconômicos e demográficos, em escolares do ensino fundamental, matriculados.	Estudo transversal. Amostra com 361 escolares de 5 a 9 anos de idade, em escolas públicas de Santa Izabel do Oeste–PR.	Destes, 19,1% apresentaram circunferência da cintura (CC) elevada, 22,7%, razão cintura-estatura (RCE) elevada, e 16,1% ambas as medidas elevadas. A escolaridade materna $\geq 11$ anos de estudo associou-se significativamente à RCE elevada. Os resultados mostraram que crianças cujas mães possuíam maior escolaridade apresentaram maiores chances para aumento da RCE. A utilização de transporte ativo resultou em menor razão de chances para obesidade abdominal considerando-se tanto CC quanto RCE. A importância de se adotarem mais estratégias para aumentar a prática de atividades físicas
Marques 2019	Analisar a relação entre o nível de literacia em saúde (LS) da mãe e a prevalência de excesso de peso da criança em idade pré-escolar das crianças.	Estudo transversal, exploratório, descritivo-correlacional, com amostra de 94 crianças, entre 4 e 6 anos e suas respectivas mães, numa Unidade de Saúde Familiar (USF) do ACeS Cávado I, no ano de 2013.	Do total de crianças, 10,6% de excesso de peso e 11,7% de obesidade. A prevalência de mães com sobrepeso foi de 36,2%. 22,3% das mães apresentavam conhecimentos suficientes, seguida por 34,0% com um nível de conhecimentos bom e, 43,6% apresentavam conhecimentos insuficientes. Encontrou-se correlação positiva estatisticamente significativa entre o desenvolvimento peso/altura das crianças e o IMC materno.
Neves e Madruga 2019	Verificar como e quando a alimentação complementar (AC) se inicia, seu perfil, o consumo de industrializados e o estado nutricional de crianças de 1-3 anos.	Estudo observacional descritivo. Em seis escolas inscritas no PSE, no município de Pelotas-RS totalizando 79 crianças de 1-3 anos.	13 (16,45%) apresentaram sobrepeso e 6 (7,5%) obesidade; 11 (13,9%) acusaram peso elevado para a idade. A média para início da AC foi de 5,3 meses. Enquanto menores de 6 meses, 43% receberam gelatina e 12,7% suco de caixinha; quando na idade de 6-24 meses, 96,2% receberam biscoito recheado e 91,1% salgadinho.

Autor e Ano	Objetivo	Metodologia	Principais resultados
Rocha et al. 2019	Avaliar a associação dos padrões alimentares de escolares com a obesidade e adiposidade corporal.	Estudo transversal, com 378 crianças de 8 e 9 anos, matriculadas em escolas urbanas no município de Viçosa, Minas Gerais (MG), Brasil.	Foram identificados cinco padrões alimentares (PA): “não saudável”, “lanche”, “tradicional”, “industrializado” e “saudável”. Houve associação entre o excesso de peso e gordura corporal com o PA industrializado. Foi encontrada associação entre o excesso de gordura corporal e a menor adesão ao PA tradicional. Os demais padrões não estiveram associados à obesidade e adiposidade corporal.
Rossi et al. 2019	Investigar associação entre a proveniência de lanches consumidos na escola, seu valor nutricional e o sobrepeso/obesidade.	Estudo transversal com 3.930 escolares de 7-10 anos de idade, de Santa Catarina.	O sobrepeso/obesidade se associou significativamente ao consumo de alimentos provenientes da cantina, na rede particular. Trazer alimentos de casa foi significativamente associado ao maior consumo de lanches de baixo valor nutricional, nas escolas públicas e privadas.
Segura 2019	Avaliar o estado nutricional e o consumo alimentar dos escolares segundo as variáveis demográficas, vulnerabilidade, social e hábito de vida.	Amostra de 3.778 alunos de 1 <sup>o</sup> a 4 <sup>o</sup> ano da rede, entre 6 a 12 anos, da rede municipal de educação da cidade de São Paulo.	A prevalência de excesso de peso foi de 38,7% e obesidade 18,6%. Maior prevalência no sexo feminino. Nenhuma associação a vulnerabilidade social. 5 padrões alimentares encontrados: “Não saudáveis”, “Tradicional”, “Preparações rápidas”, “Frutas, legumes e verduras” e “Café da manhã”. Sendo o padrão “Não saudável” o que apresentou maior variabilidade.
Souza et al. 2019	Avaliar, através de parâmetros antropométricos e bioquímicos, o impacto de uma estratégia de manejo do excesso de peso implantada em um ambulatório de obesidade infanto-juvenil de um hospital público.	Análise retrospectiva de uma coorte, realizada a partir de fichas de 206 crianças e adolescentes com diagnóstico de obesidade ou sobrepeso, com idade entre 5 a 17 anos, atendidos entre 2010 e 2014 com periodicidade média de três meses durante um ano.	A estratégia avaliada consistiu em aconselhamento, com orientações visando redução do tempo de atividade sedentária e aumento de atividade física e orientações nutricionais para escolhas alimentares mais saudáveis. Em 12 meses, houve redução significativa do IMC. Os níveis séricos de glicemia e insulina não apresentaram redução significativa, apenas uma tendência, assim como os de CT, LDL-c e TG, porém os níveis de HDL-c tiveram um aumento significativo.

Autor e Ano	Objetivo	Metodologia	Principais resultados
Lima et al. 2020	Analisar os fatores sociodemográficos e do estilo de vida associados ao excesso de peso (EP), à obesidade abdominal (OA) e à ambos simultaneamente.	Estudo transversal de base escolar realizado com 583 adolescentes (11 a 17 anos) da cidade de Criciúma, Santa Catarina.	Os meninos tiveram 58% de chances a mais de terem EP. Menor faixa etária (11 a 14 anos) foi diretamente associada a maiores chances de EP. Adolescentes cujas mães tinham maior escolaridade apresentaram 75% de chances a mais de terem AO. Maiores chances para a simultaneidade (EP e AO) foram identificadas nos adolescentes de menor faixa etária (11 a 14 anos).
Macêdo et al. 2020	Analisar associação entre aleitamento materno e excesso de peso em pré-escolares.	Estudo transversal com 448 pré-escolares de 10 Centros Municipais de Educação Infantil do município de Teresina-PI.	A prevalência do excesso de peso e a proporção das crianças que receberam o aleitamento materno exclusivo até os 6 meses de idade foi de 11,16% e 41,9%, respectivamente. O excesso de peso foi 2,5 vezes mais elevado entre as crianças não amamentadas.
Baggio et al. 2021	Compreender a perspectiva de crianças, familiares e profissionais da saúde e da educação acerca da obesidade infantil.	Pesquisa qualitativa com participação de 13 crianças, 12 familiares, 7 profissionais da saúde da atenção básica e 7 profissionais da educação, todos vinculados ao Programa Saúde na Escola, no período de abril de 2017 a março de 2018	Para os participantes do estudo a obesidade infantil é condicionada por alimentação excessiva, com baixo valor nutricional, além da prática insuficiente de atividade física. Entendem, ainda, que as ações para combater a obesidade se mostraram incipientes ou insuficientes. Para as crianças a obesidade implica na insatisfação com a imagem corporal e no bullying escolar.
Gama et al. 2021	Analisar a concordância/discrepância entre autoimagem corporal e classificação do índice de massa corporal (IMC), segundo tipo de alimentação e influências do ambiente.	Análise transversal de 195 crianças pré-púberes ( $\geq 5$ anos), atendidas na Atenção Primária à Saúde (APS), Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil.	Crianças com sobrepeso subestimaram seu IMC, em comparação com a autoimagem, em maior proporção (58,6%) que aquelas com obesidade (22,0%) ou com eutrofia (49,0%). Essa dissociação correlacionou-se com a participação no programa de transferência de renda e com o consumo diário de alimentos açucarados.

Os estudos de Batista, Mondini e Jaime (2017), Carvalho, Belém e Oda (2017), de Oliveira et al. (2017), Pinto (2017), Marques (2019), Neves e Madruga (2019) e Segura (2019) apresentaram para seus respectivos estudos a prevalência do excesso de peso e obesidade infantil acima dos 30% ou muito próximo desse percentual.

Crianças com faixa etária entre 11 a 14 anos tem mais propensão ao excesso de peso e obesidade abdominal, conforme Lima et al. (2020). Cecchetto, Pena, Pellanda (2017) reiteraram a importância das atividades lúdicas como um instrumento de ensino-aprendizagem de hábitos alimentares saudáveis. Assim como Souza et al. (2019) afirmam que orientações nutricionais e estímulo a prática de atividades físicas contribuem para a melhora dos parâmetros antropométricos e bioquímicos como controle da obesidade infantil.

Fechine et al. (2017), Iervolino, Silva e Lopes (2017), Alves et al. (2018), Chaves et al. (2018), Schollosser, Rossi e Machado (2018), Rocha et al. (2019) e Rossi et al. (2019) afirmam que o ambiente escolar tem um papel muito interessante associado à promoção da educação nutricional e chamam a atenção para os cuidados que os familiares devem ter ao passar seus costumes para as crianças, pois elas as tomam como exemplo repetindo seus atos, isso também é comentado no estudo de Jaime, Prado e Malta (2017) quando diz que as crianças tomam refrigerantes como um reflexo dos hábitos dos pais.

De acordo com a pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (VIGITEL) realizada em 2019, no conjunto das 27 cidades, a frequência do consumo de refrigerantes em cinco ou mais dias da semana foi de 15%, sendo mais elevada entre homens (18,3%) do que entre mulheres (12,3%). Ressalta-se a tendência de decréscimo desse percentual conforme aumento de idade e foi mais elevado no estrato intermediário de escolaridade, conforme é possível verificar na Tabela IV.

**Tabela IV:** Percentual de indivíduos que consomem refrigerantes em cinco ou mais dias da semana no conjunto da população adulta ( $\geq 18$  anos) das capitais dos estados brasileiros e do Distrito Federal, por sexo, segundo idade e anos de escolaridade.

Variáveis	Sexo					
	Total		Masculino		Feminino	
	%	IC 95%	%	IC 95%	%	IC 95%
<b>Idade (anos)</b>						
18 a 24	22,4	20,0 - 24,7	22,7	19,5 - 25,9	21,9	18,4 - 25,4
25 a 34	19,3	17,1 - 21,5	23,4	19,9 - 27,0	15,3	12,8 - 17,8
35 a 44	15,8	14,2 - 17,5	19,6	16,8 - 22,4	12,8	10,9 - 14,8
45 a 54	10,9	9,4 - 12,3	12,7	10,1 - 15,2	9,4	7,8 - 11,0
55 a 64	9,6	8,2 - 11,0	12,4	9,6 - 15,2	7,6	6,2 - 9,0
65 e mais	8,4	7,4 - 9,4	10,8	8,9 - 12,8	6,9	5,9 - 7,9
<b>Anos de escolaridade</b>						
0 a 8	13,5	12,0 - 15,0	16,6	14,0 - 19,2	10,8	9,2 - 12,4
9 a 11	17,3	16,0 - 18,6	20,1	18,0 - 22,2	14,7	13,1 - 16,3
12 e mais	13,8	12,5 - 15,1	17,5	15,2 - 19,8	10,9	9,5 - 12,4
<b>Total</b>	<b>15,0</b>	<b>14,3 - 15,8</b>	<b>18,3</b>	<b>16,9 - 19,6</b>	<b>12,3</b>	<b>11,4 - 13,2</b>

Fonte: VIGITEL, 2019

Lourenço et al. (2018) relacionam a obesidade infantil ao baixo nível socioeconômico que resulta em uma maior exposição da criança à alimentos ultraprocessados, de alta densidade energética e baixo valor nutricional de forma muito precoce. Além disso, Paiva et al. (2018) argumentam que alterações do IMC podem remeter a alterações bioquímicas no corpo humano e consequentemente a vários tipos de comorbidades.

Macêdo et al. (2020) relacionaram a obesidade infantil ao aleitamento materno, semelhante ao estudo de Gonzalez et al (2017), e verificaram uma forte associação entre crianças não amamentadas e excesso de peso. Baggio et al. (2021) remetem a obesidade a imagem corporal e bullying, questões sérias no ponto de vista de convívio social e que requer a intervenção das famílias, escolas e políticas. No entanto, na pesquisa de Gama et al. (2021) mostram que crianças com

sobrepeso desdenham do seu IMC, isto é, não se importam e isso pode levá-las a um patamar ainda mais complicado de obesidade.

Através desses estudos apontados é evidente a alta prevalência da obesidade e sua tendência crescente mostrando a importância, conforme Henrique et al. (2018), das políticas públicas para o incentivo hábitos alimentares mais saudáveis.

#### **4.2 Alimentação Infantil e a influência das mídias e publicidade dos alimentos**

De acordo com Silva et al. (2017), conforme Tabela V, o Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (CONAR) se apresenta como precursor na regulamentação de anúncios dirigidos ao público infanto-juvenil, preservando a ética, democracia e anseios da sociedade no que tange o consumo e publicidade, no entanto, o baixo número de intervenções nas publicidades em âmbito nacional (o que para o CONAR representa que a publicidade brasileira é ética de nascença) para os autores, esses dados apenas revelam a importância dada as relações comerciais e conseqüentemente o lucro, isto é, um discurso que não se alinha ao princípio de defesa aos vulneráveis, tampouco a ética e democracia.

**Tabela V:** Artigos selecionados sistematicamente com os descritores Alimentação Infantil AND Mídias e Alimentação Infantil AND Publicidade.

Autor e Ano	Objetivo	Metodologia	Principais resultados
Silva, DAC et al. 2017	Analisar a regulamentação sobre a publicidade dos alimentos e se esta é vigente e protege o público infanto-juvenil.	Pesquisa qualitativa, exploratória e documental.	O Conselho Nacional de Autorregulamentação publicitária (CONAR) possui um discurso neoliberal que enfatiza as relações de consumo para todos os públicos, incluindo crianças e adolescentes, distanciando o papel do Estado na prestação à saúde e controle das atividades publicitárias.
Iba; Spers, 2017	Caracterizar o discurso nas propagandas e publicidades alimentares para o público infantil.	Pesquisa qualitativa através da análise do discurso.	Nos anúncios analisados foram encontrados: identificação do público-alvo (especial para as crianças), nenhuma informação nutricional, vários adjetivos (saborosa, divertida, animada), muitas cores chamativas e brindes. De um modo geral, os anúncios divulgam produtos que não são de primeira necessidade e além disso, as empresas vem mudando seu alvo para as mães.
Giménez et al. 2017	Descrever os alimentos dirigidos ao público infantil e vendidos em supermercados em Montevideu, Uruguai.	Pesquisa exploratória em dois dos supermercados mais difundidos e populares de Montevideu, Uruguai.	A grande maioria dos produtos correspondia aos ultraprocessados, com teores excessivos de sódio, açúcares livres, gordura total e gordura saturada e/ou trans. Nas embalagens: desenhos animados, cores brilhantes, letras infantilizadas e uma ampla gama de alegações em relação à saúde e nutrição e às características sensoriais e hedônicas dos produtos.
Silva, MJ et al, 2017	Avaliar a composição nutricional de biscoitos recheados comercializados em hipermercados da cidade de Salvador, Bahia.	Pesquisa exploratória com 20 amostras de embalagens de biscoitos.	Todos os produtos apresentaram gordura vegetal hidrogenada e corante na composição. Os biscoitos recheados analisados não apresentam equilíbrio nutricional devido à alta densidade calórica e altos teores de gorduras saturadas, sódio e carboidratos (açúcares).

Iba e Spers (2017) assim como Giménez et al. (2017) ao realizarem estudos em anúncios de produtos, conforme Figuras II e III, destinados ao público infanto-juvenil se depararam com características semelhantes, isto é, pode-se dizer que

existe um padrão. Anúncios muito coloridos, com desenhos animados e que ainda garantem brindes.

**Figura II:** Publicidade de macarrão instantâneo



Fonte: Iba e Spers, 2017

**Figura III:** Publicidade de bebida láctea não fermentada



Fonte: Iba e Spers, 2017

Na pesquisa de Giménez et al. (2017) foram analisados 180 produtos, sendo que 77% destes se enquadravam nas seguintes categorias: doces e chocolates; biscoitos e salgados; laticínios e cereais matinais. O uso de desenhos animados foi encontrado em 76% das embalagens e, além disso, cores chamativas ou formatos diferentes em 74%. A maioria das alegações realizadas nas embalagens faziam referências ao sabor (delícia) e textura (crocante) do produto. Assim sendo, os autores reiteram a necessidade de regulamentação das embalagens, anúncios e publicidade em torno dos produtos destinados à crianças.

Silva, MJ et al. (2017) em uma pesquisa realizada no estado da Bahia com 10 embalagens de biscoito de chocolate e 10 sabor morango verificou que o valor calórico dos produtos variam de 122 a 148 Kcal, gorduras totais de 4,3 a 6,9g, gordura satura entre 1,1 a 3,2g, sódio de 49 a 104mg e gordura *trans* 0g para todas as embalagens. Os autores ressaltam que os biscoitos são alimentos frequentemente consumidos e estão associados a dietas com baixo valor nutricional, isto é, elevados teor de gorduras saturadas, açúcar e sal e por isso a necessidade de implementação da educação nutricional como estratégia para direcionar a população a fazer escolhas mais saudáveis e mudanças de hábitos.

### 4.3 Alimentação infantil e a importância do nutricionista

Kretschmer (2017) promoveu em seu estudo duas oficinas semelhantes às aulas ministradas normalmente cuja temática era a nutrição básica, conforme Tabela VI, mostrando a importância do prato colorido, assim como, as funções dos minerais e vitaminas no corpo humano. A primeira oficina contou com cartazes e material expositivo. A segunda foi uma brincadeira chamada dominó das frutas, onde os alunos precisam completar o nome com a figura do alimento. Esta última, de acordo com autora, mostrou mais entusiasmo por parte dos alunos, que além de aguçar os conhecimentos sobre nutrição também foi possível melhorar o desenvolvimento da escrita, visto que tais alunos ainda estavam em fase de alfabetização.

Dessa forma, Kretschmer (2017) reitera o valor das atividades lúdicas através de jogos, brinquedos e brincadeiras que permitam a criança criar, imaginar, experimentar e aprender em diversos campos do conhecimento, e no que tange os hábitos alimentares saudáveis é fundamental essa associação, tendo em vista que sua alimentação na infância será o reflexo do seu comportamento alimentar adulto.

**Tabela VI:** Artigos selecionados sistematicamente com os descritores Alimentação Infantil AND Nutricionistas.

Autor e Ano	Objetivo	Metodologia	Principais resultados
Kretschmer , 2017.	Elucidar de uma forma pedagógica a importância da ingestão de uma dieta equilibrada para escolares.	Pesquisa exploratória. Realizada em 2017. Com 50 alunos entre idades de 3 a 5 anos matriculados em uma instituição no noroeste gaúcho.	Por meio de atividades lúdicas as crianças interessam-se mais pelos assuntos abordados, impactou-se para a real importância do ensino de hábitos alimentares de maneira correta nas escolas, pois esta representa a oportunidade mais viável para exercer a atenção primária de saúde. As ações educativas proporcionam a construção de conhecimentos importantes de alimentação e nutrição.

De acordo com Gutierrez (2021) nas escolas o papel do nutricionista é muito importante, pois ele é o responsável e mais indicado para promover uma boa nutrição aos escolares e, sobretudo, a estabelecer hábitos mais saudáveis, no entanto ao que parece o papel deste profissional muitas vezes ocorre de forma indireta, apenas lidando com cuidados e atividades relacionadas a cozinha da escola.

Faria e Souza (2020) afirmam que o Nutricionista Escolar tem dentre outras funções a de ser um comunicador eficiente sobre alimentação e nutrição, este direcionamento se faz necessário no sentido de impactar mudanças no comportamento alimentar. O profissional de nutrição pode desenvolver projetos voltados a educação alimentar e intervir melhorando a postura alimentar dos escolares.

Analisando por outra perspectiva, a alimentação balanceada é uma das principais ferramentas para prevenção de doenças. Nota-se um aumento da procura desses profissionais, bem como a sua importância na atenção básica de saúde, reconhecendo que a alimentação e nutrição são fundamentais para um estilo de saudável (PINTO et al. 2021).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alta prevalência da obesidade infantil nos estudos analisados por esta pesquisa é inquietante e o comportamento e hábitos alimentares nesta fase da vida, que são importantes para o desenvolvimento e crescimento sadio, mostram-se cada vez mais inclinados ao consumo de alimentos não saudáveis, industrializados e ultraprocessados, ainda sob influência da própria família.

Os estudos mostram que as crianças são muito influenciadas pelos pais e que estes quanto mais conhecimentos possuem, maior a tendência em consumir alimentos com baixo teor nutricional e terem maior propensão ao excesso de peso, o que deveria ser o inverso.

As empresas por sua vez, conhecendo o cenário que estão lidando e seu público-alvo (as crianças e seus responsáveis) investem em propagandas e em uma publicidade voraz, vendendo produtos com exageros em sódio, gorduras, corantes, etc. Observou-se, portanto, que existe uma forte influência dos apelos que grandes marcas utilizam na tomada de decisão de aquisição desses produtos pelos pais e crianças. Os pais, dada à praticidade, findam aproveitando o que essas empresas oferecem. E nesse contexto, orientação, informação e aconselhamentos são muito importantes, por isso a importância dos educadores e profissionais de nutrição.

Os nutricionistas podem minimizar, tanto no âmbito escolar como no doméstico, que os pais ofereçam e permitam o consumo desses alimentos. Atividades lúdicas e recreativas podem auxiliar sobre a importância de uma alimentação saudável e com alto valor nutricional, e com isso essas mudanças beneficiarão a vida de todos. Excesso de peso e obesidade não são sinais de saúde.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. B. et al. Obesidade Infantil e suas Causas: uma Revisão. **International Journal of Nutrology**, v. 11, n. S 01, p. Trab589, 2018.

ALVES, Nailton Isbaltar et al. Estado nutricional de crianças em creches de Carapicuíba – SP comparado ao de seus pais. RECIIS - **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 310-322, jul./set. 2018.

ANDRADE LOPES, Wedja Myrelly de et al. A influência do nutricionista na afetividade e na alimentação da criança na creche. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 1, p. 300-307, 2020.

ARAGÃO, S. G. A. Obesidade infantil: revisão de literatura. **Rev Med UFC**, Fortaleza, v. 57, n. 3, p. 47-50, set./dez. 2017.

BAGGIO, Maria Aparecida et al. Obesidade infantil na percepção de crianças, familiares e profissionais de saúde e de educação. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 30, 2021.

BARBOSA, B. A. et al. Mídia. **Jornal Eletrônico Faculdade Vianna Júnior**, v. 12, n. 2, p. 23-23, 2020.

BATISTA, Mariangela da Silva Alves; MONDINI, Lenise; JAIME, Patrícia Constante. Ações do Programa Saúde na Escola e da alimentação escolar na prevenção do excesso de peso infantil: experiência no município de Itapevi, São Paulo, Brasil, 2014. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 26, p. 569-578, 2017.

BORDIGNON, C.; BONAMIGO, I. S.. Os jovens e as redes sociais virtuais. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 12, n. 2, p. 310-326, 2017.

BRANDÃO, L C. et al. Mídia e alimentação saudável: relato de experiência de uma proposta para sala de aula. **Lynx**, v. 1, n. 1, 2020.

BRASIL. **Resolução da Diretoria Colegiada - RDC nº 24 de 15/06/2010**. 2010. Disponível em: <http://antigo.anvisa.gov.br/legislacao#/visualizar/28556>Acesso em 14/02/2021.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado de Saúde de Goiás. **Obesidade Infantil desafia pais e gestores**. 2019. Disponível em: <https://www.saude.go.gov.br/noticias/81-obesidade-infantil-desafia-pais-e-gestores>. Acesso em 14/02/2021.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira**. 2. Ed: Brasília. Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: [https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia\\_alimentar\\_populacao\\_brasileira\\_2e\\_d.pdf](https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_populacao_brasileira_2e_d.pdf). Acesso em 29/03/2021.

\_\_\_\_\_. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). **Programa Nacional de Alimentação Escolar**. 2017. Disponível em: <https://www.fnnde.gov.br/programas/pnae>. Acesso em 16/08/2021.

CARVALHO, Adryangela Renata Martins de; BELÉM, Mônica de Oliveira; ODA, Juliano Yasuo. Sobrepeso e obesidade em alunos de 6-10 anos de escola Estadual de Umuarama/PR. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 21, n. 1, 2017.

CECCHETTO, Fátima H.; PENA, Daniela B.; PELLANDA, Lucia C. Intervenções lúdicas aumentam o conhecimento sobre hábitos saudáveis e fatores de risco cardiovasculares em crianças: estudo clínico randomizado CARDIOKIDS. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v. 109, p. 199-206, 2017.

CFN - CONSELHO FEDERAL DE NUTRICIONISTAS. Resolução CFN nº 380/2005.

CERQUEIRA, Roberto Amaral. **Estratégias nutricionais para a prevenção e tratamento da obesidade na infância e adolescência**. Monografia (Graduação) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2020.

CHAVES, Otaviana Cardoso et al. Consumo de refrigerantes e índice de massa corporal em adolescentes brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 21, 2018.

CONDE, S. R.; STRAUSS, J. M.. Influência das mídias e eletrônicos no consumo alimentar e no estado nutricional de crianças: revisão integrativa. **RECIMA21- Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218**, v. 2, n. 1, p. 219-233, 2021.

CORREIA, C. M.; JUNIOR, F. G. R. P.. Cultura e televisão: notas sobre a influência da mídia televisiva. **Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, v. 4, n. 2, p. 80-101, 2020.

FARIA, Alisson Guarniêr Araújo; FRAGA, Ana Carolina Oliveira. **Cenário nutricional e análise da alimentação de escolares no Brasil: uma revisão de literatura**. 2020, 21f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Nutrição) – Centro Universitário de Brasília UniCEUB.

FARIA, Rita; SOUSA, Bruno. A educação alimentar em meio escolar e a figura do nutricionista escolar. **Acta Portuguesa de Nutrição**, n. 20, p. 20-25, 2020.

- FECHINE, Alvaro Diogenes Leite et al. Sobrepeso e obesidade infantil: conhecimentos e percepções dos professores de creches públicas. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 41, n. 1, 2017.
- FRONTZEK, L. G. M.; BERNARDES, L. R.; MODENA, C. M.. Obesidade infantil: compreender para melhor intervir. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 23, n. 2, p. 167-174, 2017.
- GAMA, Sueli Rosa et al. Comparação entre autoimagem e índice de massa corporal entre crianças residentes em favela do Rio de Janeiro, 2012. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 30, p. e2020025, 2021.
- GIMÉNEZ, Ana et al. Desenho das embalagens e perfil nutricional de alimentos dirigidos ao público infantil em supermercados em Montevidéu, Uruguai. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 33, n. 5, 2017.
- GONSALEZ, Priscila Schramm et al. Aleitamento materno exclusivo, alimentação complementar e associação com excesso de gordura corporal em escolares de Florianópolis, SC, Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 17, p. 115-125, 2017.
- GUTIERREZ, Sarah Matos; DE SALES, José Carlos. Fatores que desencadeiam a obesidade infantil e a importância do papel do nutricionista em âmbito escolar. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 10, p. 97539-97550, 2021
- HENRIQUES, Patrícia et al. Políticas de Saúde e de Segurança Alimentar e Nutricional: desafios para o controle da obesidade infantil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 4143-4152, 2018.
- IBA, Julia Baldovinotti; SPERS, Eduardo Eugênio. Publicidade infantil: uma análise do discurso. **Higiene Alimentar**, v. 31, n. 274/275, 2017.
- JARDIM, J. B.; DE SOUZA, I. L. Obesidade infantil no Brasil: uma revisão integrativa. **JMPHC| Journal of Management & Primary Health Care| ISSN 2179-6750**, v. 8, n. 1, p. 66-90, 2017.
- IERVOLINO, Solange Abrocesi; SILVA, Aline Arins da; LOPES, Grazielle dos Santos Savaget Paiva. Percepções das famílias sobre os hábitos alimentares da criança que está obesa. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 16, n. 1, 2017.
- JAIME, Patricia Constante; PRADO, Rogério Ruscitto do; MALTA, Deborah Carvalho. Influência familiar no consumo de bebidas açucaradas em crianças menores de dois anos. **Revista de Saúde Pública**, v. 51, 2017.

JESUS, Fabiane Sampaio de. **Alimentação infantil: um estudo qualitativo dos cardápios da alimentação escolar de um município do recôncavo da Bahia.** 2020, 36f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Nutrição) - Faculdade Maria Milza, 2020.

KRETSCHMER, Andressa Carine. Estratégias de educação nutricional com escolares: o lúdico na construção de Hábitos saudáveis na merenda escolar de um município do noroeste gaúcho. **Saúde Redes**, p. 389-397, 2017.

LIMA, Tiago Rodrigues de et al. Fatores associados à presença isolada e simultânea de excesso de peso e obesidade abdominal em adolescentes. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 38, 2020.

LINHARES, M. B. M.; ENUMO, S. R. F. Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 37, 2020.

LOURENÇO, Adriana de Sousa Nagahashi et al. Fatores associados ao ganho de peso rápido em pré-escolares frequentadores de creches públicas. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 36, p. 292-300, 2018.

MACÊDO, Rivaldo da Costa et al. Associação entre aleitamento materno e excesso de peso em pré-escolares. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 33, 2020.

MAGALHÃES, M. R. et al. “Socorro! Meu Filho Come Mal”: uma análise do comportamento alimentar infantil. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, v. 11, n. 1, p. 079-091, 2020.

MAGALHÃES, R. Regulação de alimentos no Brasil. **Revista de Direito Sanitário**, v. 17, n. 3, p. 113-133, 2017.

MARQUES, Vera Lúcia Veloso. **Excesso de peso em idade pré-escolar: a influência da literacia em saúde do cuidador.** 2019. Dissertação de Mestrado – Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Portugal.

MELO, Maria Edna de. Obesidade Infantil: Prevenção à luz das evidências científicas. **Revista Evidências em obesidade e síndrome metabólica**, nº 92, Março/abril de 2018. Disponível em: <https://abeso.org.br/wp-content/uploads/2019/12/92.pdf>. Acesso em 18/09/2021.

MORAES, Taís Sawicki de. **Contribuições da terapia cognitivo comportamental no tratamento da obesidade infantil.** Monografia (Graduação) – Universidade de Caxias do Sul, 2019.

MORAIS, Mariana Melo de et al. Uso de metformina no tratamento da obesidade infantil e na adolescência: uma revisão bibliográfica. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 9, p. 89805-89815, 2021.

NEVES, Alice Magagnin; MADRUGA, Samanta Winck. Alimentação complementar, consumo de alimentos industrializados e estado nutricional de crianças menores de 3 anos em Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, 2016: um estudo descritivo. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 28, 2019.

OLIVEIRA, Hellen Santos de et al. Estado nutricional de crianças e adolescentes atendidos em um projeto socioassistencial e educacional. **Rev. enferm. UFPE on line**, p. 1335-1342, 2017.

OLIVEIRA, J. C. S. et al. Influência da Mídia na Obesidade Infantil: uma Breve Revisão. **International Journal of Nutrology**, v. 11, n. S 01, p. Trab477, 2018.

PAIVA, Ana Carolina Teixeira et al. Obesidade Infantil: análises antropométricas, bioquímicas, alimentares e estilo de vida. **Revista Cuidarte**, v. 9, n. 3, p. 2387-2399, 2018.

PINTO, Luísa Pereira. **Conhecimento dos pais sobre alimentação infantil: relação com as características sociodemográficas e estado nutricional da criança**. 2017. Dissertação de Mestrado.

PINTO, Emanuella Magagna Amaro et al. Percepção dos Usuários do Sistema Único de Saúde frente a atuação do nutricionista. **Conexão Ciência**, v. 16 n. 2 (2021).

ROCHA, Naruna Pereira et al. Associação dos padrões alimentares com excesso de peso e adiposidade corporal em crianças brasileiras: estudo Pase-Brasil. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v. 113, p. 52-59, 2019.

RODRIGUES, S. **A palavra 'mídia' é o fim da picada, certo? Errado**. Revista Veja. 2013. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/a-palavra-midia-e-o-fim-da-picada-certo-errado/> Acesso em 29/03/2021.

ROSSI, Camila Elizandra et al. Fatores associados ao consumo alimentar na escola e ao sobrepeso/obesidade de escolares de 7-10 anos de Santa Catarina, Brasil. **Ciencia & saude coletiva**, v. 24, p. 443-454, 2019.

ROZA, R. H. Revolução informacional e os avanços tecnológicos da informática e das telecomunicações. **Ciência da Informação em Revista**, v. 4, n. 3, p. 3-11, 2017.

SANTOS, Danielle Adriana da Costa dos; GARCIA, Paloma Popov Custódio. **Alimentação infantil no âmbito escolar: rendimento e aprendizagem**. 2018. 18 f. Monografia (Graduação) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2018.

SCHLOSSER, Priscila Cezar; ROSSI, Camila Elizandra; MACHADO, Amélia Dreyer. Obesidade abdominal em escolares: associação com indicadores socioeconômicos e demográficos. **O Mundo da Saúde**, v. 42, n. 3, p. 762-781, 2018.

SEGURA, Iris Emanuelli. **Avaliação do estado nutricional e consumo alimentar de escolares da rede municipal de educação de São Paulo**. 2019. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SILVA, Dillian Adelaine Cesar da et al. Publicidade de alimentos para crianças e adolescentes: desvelar da perspectiva ética no discurso da autorregulamentação. **Ciência & Saúde Coletiva**, 22(7):2187-2196, 2017.

SILVA, Mônica Junqueira da et al. Avaliação da rotulagem de biscoitos recheados comercializados Em Salvador, BA: enfoque na qualidade nutricional. **Higiene Alimentar**, v. 31, n. 270/271, 2017.

SOUSA, Érica Carneiro de. **Fatores psicossociais desencadeados pela obesidade infantil: uma revisão de literatura**. Monografia (Graduação) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2019.

SOUSA, J. T. A. de et al. Influência da mídia no consumo alimentar inadequado de crianças e adolescentes como promotora de doenças crônicas: uma revisão da literatura. **International Journal of Nutrology**, v. 11, n. S 01, p. Trab479, 2018.

SOUZA FIRMINO, Adriana de et al. Alimentação infantil em fase escolar. **Revista Campo do Saber**, v. 3, n. 3, 2018.

SOUZA, Lisete Griebeler et al. Impacto de uma estratégia de manejo do excesso de peso infanto-juvenil. **Scientia Medica**, v. 29, n. 3, p. e33486-e33486, 2019.

TORRES, Tais Santos et al. Tratamentos farmacológicos na obesidade infanto-juvenil: Revisão da literatura. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 6, p. 56968-56980, 2021.

UNICEF et al. **Situação mundial da infância**. 2009. Disponível em: [https://www.unicef.org/brazil/media/5576/file/SOWC2019\\_Informacoes\\_America\\_Latina\\_Caribe.pdf](https://www.unicef.org/brazil/media/5576/file/SOWC2019_Informacoes_America_Latina_Caribe.pdf). Acesso em 14/02/2021.

VALENÇA, M. S. et al. Influências e preferências no consumo de alimentos ultraprocessados por crianças da zona rural. **Disciplinarum Scientia| Saúde**, v. 21, n. 1, p. 133-146, 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2014. **World Health Statistics 2014**. Parte II. 40-41. Disponível em: <http://www.who.int>. Acesso em 29/03/2021.